

MAX EINSTEIN

O GANGUE DOS REBELDES

Inclui
experiências,
charadas e
enigmas.

OFICIAL E

Albert Einstein™

AUTORIZADO

N.º 1 em todo o mundo

James Patterson E CHRIS GRABENSTEIN

Mais de 380 milhões de livros vendidos



1

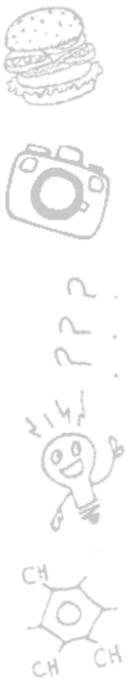
A Max Einstein sentia-se infeliz, estava a fazer aquilo de que menos gostava no mundo: NADA!

O mundo não vai salvar-se sozinho!, pensou ela.

Sim, ela sabia que havia perigos à espreita em cada esquina, devido à sua aventura bem-sucedida em África. Mas estava cansada de seguir ordens. De «se manter discreta» e de «jogar pelo seguro». Tinha de sair do quarto, que cada vez mais se parecia com uma prisão — estava cercado por guardas, posicionados na divisão do outro lado do *hall*, e que tentavam passar despercebidos, falhando redondamente, visto que tinham ar de culturistas, com um metro e oitenta e fatos justos.

OK, para ser justa, eles eram os guarda-costas da Max, ali presentes para a protegerem da Corp — um grupo malfeitor

NOVA JORQUE



VIAJAR

capaz de tudo para deitar a mão àquela que consideravam a rapariga mais inteligente do mundo. Mas, ainda assim. A Max não pedira a presença deles. Fora ideia do Ben. O Ben preocupava-se muito, em especial para um multimilionário de 14 anos. (Pois.)

A Max consultou a aplicação do seu smartphone para saber a previsão meteorológica. Trinta e três graus com noventa por cento de humidade. Sufocante. No verão, a cidade de Nova Iorque podia vir a tornar-se uma sauna de cimento escaldante.

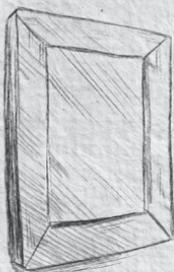
— Tenho de ir lá fora — disse ela ao boneco do Einstein que lhe sorria do interior da velha e coçada mala, que se encontrava aberta no canto do seu pequeno quarto de dormitório. Era o seu relicário portátil de coisas do Einstein. Ela tinha um apartamento muito fixe, novinho em folha, por cima de umas cavalariças renovadas. Mas, há uns meses, o Ben insistira para que a Max se mudasse para um lugar mais seguro e mais «protegido», onde poderia passar a maior parte do seu tempo a fazer o que fazia neste fim de semana.

NADA!

Um corpo a repousar tende a ficar repousado, disse a si mesma, recordando a Primeira Lei de Newton. *Um corpo em movimento permanece em movimento.*

Estava na hora de pôr o seu corpo a mexer.

O Método Científico para se Escapulir do Quarto.



A posição do espelho é essencial, porque o ângulo em que o raio de luz incide na superfície é igual ao ângulo em que parte da superfície do espelho.



Roupa cuidadosamente escondida.

Guarda-costas distraído.



A Max prendeu o seu cabelo de caracóis acobreados e rebeldes num rabo de cavalo. Vestindo um roupão sobre os calções e a t-shirt (onde se lia «Que a Aceleração dos Tempos de Massa Esteja Contigo», em letras estilo Star Wars), calçou um par de chinelos. Enfiou os ténis e as meias dentro do *nécessaire* do banho, escondendo-os por baixo do champô e da esponja. Também lá enfiou um pequeno espelho.

A Max saiu do Quarto 723 para o átrio e percorreu o corredor.

Os dois guarda-costas, ambos homens, saíram da divisão do outro lado do átrio. Usavam auriculares de fio em caracol iguais.

— Então, pessoal — disse a Max. — Vou só tomar um duchezinho.

Os dois homens assentiram com a cabeça.

— Tem, hum, cuidado — disse aquele que se chamava Jamal.

— Estamos aqui se, tu sabes, precisares de alguma coisa — disse o mais novo, que se chamava Danny.

Nenhum deles queria estar perto de uma casa de banho partilhada de uma residência universitária. Sim, a Max tinha apenas 12 anos, mas andava na Universidade de Columbia. Não era aluna. Era aquilo a que se chamava «professora auxiliar». Isso significava que, durante a semana, ela *ensinava* miúdos universitários.

— Obrigada, pessoal — disse a Max aos seus dois guarda-costas.

Percorreu o *hall* o mais descontraidamente que pôde. Os chuveiros ficavam logo a seguir ao Quarto 716.

Tal como as escadas de emergência.

Espreitou para baixo, para o espelho de mão que posicionara de modo a poder ver o que se passava atrás dela.

Quando passou pela porta das escadas e virou à direita para a casa de banho, os dois homens desapareceram, voltando ao Quarto 723. A Max puxou o autoclismo, para que eles escutassem a água a correr. Depois, pendurou o roupão de banho, sentou-se na sanita, descalçou os chinelos e calçou as sapatilhas.

Espreitou outra vez o espelho para observar o corredor.

A costa estava livre.

Mais tarde, voltaria para apanhar o *nécessaire*. Talvez até tomasse um duche.

Mas, primeiro, tinha de escapar da «prisão» e ir FAZER qualquer coisa... fosse o que fosse!

Sozinha.

Sem guarda-costas.



2

NOVA JORQUE

A Max desceu a correr os sete lanços de escadas e abandonou o John Jay Hall.

Ao chegar à esquina da Amsterdam Avenue com a 114th Street, apontou para norte num passo acelerado, com o radar ligado. Não estava a ser seguida.

Na 120th Street, pegou no seu telefone seguro (mais uma «oferta» do Ben) e digitou a marcação rápida para ligar ao Charl e à Isabl, a equipa tática altamente especializada do Instituto dos Criadores da Mudança (ICM), onde a Max era considerada «A Escolhida».

Esse título sempre fizera a Max revirar os olhos. «A Escolhida».

Soava tão... tão... *Harry Potter*.



VIAJAR

Mas o Ben, o benfeitor super-rico, escolhera a Max para liderar a sua equipa de jovens génios de elite, todos eles encarregues de tornar o mundo num lugar melhor.

Pois.

O Ben era um tipo ambicioso com grandes sonhos e um orçamento ainda maior. «Nós temos como objetivo gerar alterações significativas para salvar este planeta e os humanos que o habitam», disseram à Max quando ela visitou a sede do ICM em Jerusalém. E o Ben confiava apenas em crianças para o ajudarem.

— Max? — atendeu o Charl. Tinha um sotaque interessante que a Max não sabia descodificar. Israelita? Leste da Europa? Basicamente, era misterioso e estrangeiro. — Onde estás?

— Fora.

— O quê? O Jamal e o Danny estão contigo?

— Não, mas a culpa não é deles. Acham que estou a tomar um duche.

O Charl suspirou.

— Max, já falámos sobre isto. Precisas de segurança. A Corp tem espões por todo o lado...

A Corp. O império do mal que quer deter o ICM. Enquanto o Ben e o ICM queriam fazer mudanças e melhorar a condição humana, a Corp pretendia fazer dinheiro e melhorar as suas contas bancárias. Um membro,

o Dr. Zacchaeus Zimm, também queria levar a Max com ele. Era tipo o Darth Vader da Corp, sempre a tentar a Max para se juntar ao lado negro da Força.

Por enquanto, não estava a resultar.

Por enquanto.

Mas o Dr. Zimm deu a entender que sabia algo sobre o passado da Max. Poderia até saber quem eram os pais dela e porque se chamava «Max Einstein». A Max não se recordava dos seus pais. Vivera ao longo de toda a sua vida em orfanatos, lares de acolhimento e com outras pessoas sem-abrigo. Até, claro, aparecer o ICM e a levar de avião para Jerusalém.

— Max? — A voz do Charl era forte e firme ao telefone. — O teu trabalho, neste momento, passa por te manteres em segurança. Por favor, regressa à tua residência. Imediatamente.

— Quando é a nossa próxima missão? — perguntou a Max, basicamente ignorando o Charl. Ela era muito parecida com o seu ídolo, o Dr. Einstein. Não se dava bem com a autoridade ou com ordens diretas.

— Max, se o Dr. Zimm te deitar a mão, não haverá «próxima missão» para o ICM.

— Ótimo — disse ela. — Então, vou ter de ser eu a encontrá-la.

— Max?

— Estou simplesmente a respeitar a primeira lei do Sir Newton. Sou um corpo em movimento. Tenho de me manter em movimento.

Terminou a chamada e desligou o telemóvel para que o Charl não pudesse voltar a ligar.

Ao chegar à Martin Luther King Boulevard, virou à direita e rumou ao Harlem.

Quando a avenida curvou para a esquerda, para a West 125th Street, a Max viu um grupo de crianças felizes à porta de uma adega. Saltavam junto de curso de água que jorrava de uma boca de incêndio avariada, tentando refrescar-se.

— Ei, criançada! — berrou um velhote zangado de uma varanda. Tinha uma toalha à volta da cinta. — Estou a tentar tomar um duche cá em cima! Estão a dar cabo da pressão!

Os miúdos limitaram-se a rir e a chapinhar ainda mais.

— Está decidido! Vou chamar a polícia.

O velhote brandiu o punho e entrou em casa, sem dúvida para pegar num telefone e ligar para o 112.

A Max entrou logo em ação. Não podia olhar para o lado ou jogar pelo seguro. Não quando uns miúdos se iam meter em sarilhos por serem simplesmente crianças.



NOVA JORQUE
Bea-Video

Felizmente, a boca de incêndio avariada ficava logo acima do quartel dos bombeiros de Nova Iorque Carro 37/ Escada 40.

Melhor ainda, os bombeiros desse quartel deviam um favor à Max.

Cerca de dois meses antes, logo depois de ela se ter mudado para a residência da Columbia, pôde ajudar o Carro 37 numa chamada de um prédio em chamas. Estavam a ter dificuldade em controlar a situação nos pisos superiores, porque o seu drone novinho em folha — equipado com uma câmara de alta definição e uma de infravermelhos — não descolava. As câmaras do drone deveriam permitir ao comandante ver, ao nível da rua, onde se encontravam os bombeiros no telhado e que fogo havia por detrás das paredes.



VIAJAR

No entanto, o drone não voava.

Assim, a Max improvisou rapidamente uma câmara voadora.

— Retire as câmaras do drone — disse ela ao comandante do batalhão. — Arranje um saco do lixo limpo e uma cruzeta em metal para fazer um suporte para as câmaras. Vá àquela mercearia buscar uma lata de combustível em gel, acenda-a, prenda-a à cruzeta, e assim podemos fazer um balão de ar quente básico que faça as câmaras flutuar até ao telhado.

O comandante do batalhão, cujo nome na placa de identificação era Morkal, olhou fixamente para ela.

A Max susteve o olhar.

— Ouviram-na — rugiu o comandante Morkal. — Façam um balão de ar quente com um saco do lixo! Já!

— Só têm de assegurar que está tudo limpo — sugeriu a Max. — De outra forma...

— Certo. Só vamos ver um ecrã preto.

Os bombeiros montaram o mini-balão de observação e enviaram as duas câmaras para fazerem o seu trabalho.

Agora, a Max esperava poder pedir a esses mesmos bombeiros para ajudarem os miúdos da vizinhança que, na tentativa de se refrescarem, tinham infringido a lei ao abrirem uma boca de incêndio.

Entrou no quartel dos bombeiros e viu um rosto familiar.

— Comandante Morkal?



+



+



+



||



Combater o
fogo com
fogo



O calor sobe.
Tal como este
saco de plástico.

— Oh, olá, Max. Como vai isso?

— Tudo bem, chefe, mas, bem, preciso da sua ajuda.

— Queres fazer um balão maior? — brincou o Comandante Morkal. — Talvez para participar no desfile da Macy's?

— Não, chefe. Quero dizer, isso até seria divertido... mas, neste momento, temos um problema com uma boca de incêndio.

— Onde?

— Ao cimo da rua. Precisa de uma tampa de aspensor.

— Isso não é um problema.

— Só que precisa já. Senão, um bando de miúdos pode vir a ter problemas. O código municipal diz que a pena é 30 dias na cadeia ou uma multa de mil dólares.

— Eles abriram a boca de incêndio?

A Max assentiu com a cabeça.

— Deixa-me ir buscar umas ferramentas — disse o comandante do batalhão.

— Vai ser o comandante a tratar disso?

— Ei, estou a dever-te uma, Max. Além disso, está tanto calor que se calhar até me junto aos miúdos e refresco-me na água!

A Max e o comandante percorreram apressadamente a rua com uma tampa de aspensor... um dispositivo inteligente que transforma o jato de água de uma boca de incêndio num aspensor suave. O bocal serve para limitar a quantidade de

água que salta da boca de incêndio quando aberta, de 3800 litros por minuto para cerca de 100.

— E também já não magoa tanto — informou o Comandante Morkal aos miúdos, quando a tampa foi instalada em segurança e começou a pulverizar um conjunto de jatos de água suaves em arco.

A criançada ficou contente.

O velhote que queria tomar um duche também. Na verdade, saiu de casa em calções de banho para poder saltar com os seus jovens vizinhos por entre a água que jorrava.

Os polícias ficaram entusiasmados por a situação ter «arrefecido» antes de eles chegarem.

A Max acreditava que havia solução para todos os problemas.

Bastava encontrá-la e fazer o esforço para que se concretizasse.



4

Resolvido o problema da boca de incêndio!

A Max sentia-se eufórica. Estava *livre, livre, livre*. Nada de quarto de residência. Nada de guarda-costas. Nem Ben ou Charl ou Isabell a dizerem-lhe o que devia fazer.

Começou a cantarolar antigos clássicos. (Por razões que iam para lá da compreensão, até para uma Einstein, a Max adorava rock clássico.)

Free Bird! Free Ride! I'm Free! People Got to Be Free! Rockin' in the Free World! I Want to Be Free!

Apanhou o metro na esquina da 125th com a St. Nicholas Avenue e rumou até à Baixa para visitar um velho amigo. Saiu da composição A na West 4th Street — a mesma paragem que usava quando ia para a Universidade de Nova Iorque — e subiu as escadas íngremes.

NOVA IORQUE

Beleza

VIAJAR

O Washington Square Park ficava a poucos quarteirões de distância. Encontrou o Sr. Leonard «Lenny» Weinstock exatamente onde contava vê-lo: nas mesas de xadrez em cimento.

— Ei, Sr. Weinstock! — chamou ela, com um aceno de mão.

— Maxine? — disse o Sr. Weinstock, com um sotaque britânico que soava falso a Max, apesar de ele garantir que se licenciara em Oxford e que era amigo chegado da realeza.

— O que fazes na Baixa, Maxine?

— Precisava de sair. Esticar as pernas *e* a mente. Alinha num jogo?

— Não sei se isso seria boa ideia...

— Porque não? Está sentado a uma mesa de xadrez. Tem todas as peças alinhadas...

— Estava a pensar num jogo contra mim mesmo.

— Qual a piada disso?

— É simples, Maxine. Mesmo que perca, também ganho.

— Vá lá — insistiu a Max. — Não leva muito tempo.

Da última vez, o jogo acabou em três jogadas.

— Mas, Max, corrige-me se estiver enganado, não devias ser discreta e jogar pelo seguro?

— Eu cá prefiro jogar xadrez. A não ser, claro, que seja um medricas.

— Nunca. — O Sr. Weinstock carregou num botão no topo do cronómetro do xadrez. — Começa o jogo.

A Max foi branda com o Sr. Weinstock. Desta vez, derrotou-o em cinco jogadas.

— Ah, o Mate do Pastor — comentou o Sr. Weinstock, num tom de admiração. — Bem jogado, Maxine. Efetivamente, bem jogado.

— Pronto para outra?

— Max?

— Sim?

— Onde estão o Jamal e o Danny?

— Talvez, na casa de banho das raparigas, a pensar como é que eu tomo um duche sem deixar correr água.

— Desculpa?

— É uma longa história. Eu queria passar o meu domingo livre sendo, sei lá, *livre*.

— Mesmo que isso ponha em perigo o teu próximo grande projeto no ICM?

— Não há próximo grande projeto.

— Há, pois. O Sr. Abercrombie está a preencher requisitos e a formular um plano de ação.

O Sr. Abercrombie é a forma como o Sr. Weinstock trata o Ben. Provavelmente, porque o nome completo do benfeitor do ICM era Benjamin Franklin Abercrombie, e o Sr. Weinstock era mais formal do que a maioria, visto estar na casa dos 50.

— Tu e a tua equipa fizeram coisas espetaculares com as tuas soluções de energia solar no Congo, Maxine

— prosseguiu o Sr. Weinstock. — Coisas fantásticas, de facto.

— Sim, acho que sim. Mas a palavra essencial na sua primeira frase era «fizeram». Já foi feito. O que fazemos a seguir? O que fazemos *agora*?

— É simples. Sê paciente.

— Não sou a única ansiosa por voltar à ação — disse a Max. — Tenho trocado mensagens e e-mails com toda a equipa. Estão todos em pulgas por mais ação. Até o Klaus.

O Sr. Weinstock levou um dedo aos lábios.

— Tem cuidado, Max — sussurrou ele. — A Corp tem olhos e ouvidos por todo o lado.

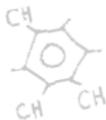
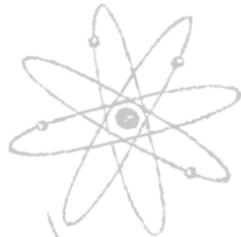
Aquilo assustou a Max. Só um bocadinho.

— Eles sabem onde estou? — segredou ela em resposta, olhando em volta para todos os estranhos do parque, em busca de uma cara sinistra e familiar em forma de ovo. Uma com dentes afiados, demasiado grandes para o seu sorriso. O Dr. Zimm.

— Não, Maxine — disse o Sr. Weinstock. — Eles não sabem onde moras agora. Contudo, *sabem* onde vivias.

Dito aquilo, sacou do telefone.

— Acho que devias ver este vídeo, querida.



VIAJAR

5

A Max olhou para o telemóvel e reconheceu a imagem.

Era o seu antigo apartamento por cima das cavalariças.

— Calculei que vocês tivessem câmaras de videovigilância a observarem-me — comentou ela.

— Efetivamente — disse o Sr. Weinstock, carregando no *Play*. — Várias.

— Então, porque não apareço na imagem?

— Esta gravação em particular foi feita apenas ontem.

Muito depois de teres saído.

— Não está ninguém no meu quarto antigo? Já saí há meses...

— Desde então, houve vários hóspedes que eram antigos sem-abrigo — informou o Sr. Weinstock. — Mas, felizmente, graças às nossas iniciativas de formação e contactos no mundo empresarial, todos se mudaram para casas

Beleza
NOVA JORQUE



próprias e empregos novos. O teu quarto antigo estava vazio quando apareceram estes visitantes inesperados. Ah. Cá vêm eles. Pela janela da casa de banho.

A Max observou a gravação em alta definição, captada de diversos ângulos. Saltava como um filme de ação — da entrada para a sala de estar, depois para a cozinha e de novo para trás. Dois homens com calças desportivas e camisolas de gola alta pretas, e gorros também escuros, podiam ser vistos do lado de fora da janela, forçando-a com um pé de cabra.

— A sério? — disse a Max. — Os criminosos da Corp vestem-se como se fossem ladrões de um filme de assaltos a bancos? Esqueceram-se das máscaras?

— Não. Suspeitamos que eles queriam que lhes víssemos as caras.

— Porquê?

— Para as passarmos no software de reconhecimento facial e percebermos que o primeiro homem a entrar no teu quarto, o da tatuagem de um tigre a trepar-lhe pela nuca, é Friedrich Hoffman. Muito agressivo. Muito eficiente. E, além disso, gosta de ópera.

A Max olhou para o Sr. Weinstock. Ele encolheu os ombros.

— Todos temos os nossos passatempos, Max.

A Max viu os dois homens a vandalizarem o seu velho quarto. Arrancaram gavetas dos armários. Viraram o colchão. Rebuscaram os armários de cozinha.

— Ah — disse o Sr. Weinstock —, o segundo cavalheiro, aquele que desfaz o armário sem piedade, é o Sr. Mindinho Mulligan.

— E do que gosta o Mindinho? — quis saber a Max.
— De danças irlandesas?

— Não propriamente. No entanto, o Mindinho tem este nome porque, como podes reparar se fizermos zoom na sua mão esquerda, perdeu o mindinho esquerdo numa rixa num bar, quando tinha 16 anos. Estes dois cavalheiros têm um grande registo de detenções. São também conhecidos soldados da Corp e, segundo os nossos serviços de informação, reportam diretamente ao Dr. Zacchaeus Zimm.

De repente, o vídeo de vigilância terminou.

Apareceu o Ben no ecrã.

— E isto, Max — disse ele —, é a razão pela qual precisas de seguir o nosso plano.

A Max não conseguiu conter um sorriso. Era assim sempre que via o Ben. Ele era excêntrico. Um pouco desajustado. Um pouco giro. Também era superinteligente e tinha um coração enorme, daqueles que queriam mesmo salvar o mundo. No entanto, quando era mesmo para *estar* no mundo, o Ben revelava-se tímido. Socialmente, não era grande coisa. Mais ou menos como a Max. Talvez por ambos passarem demasiado tempo embrenhados nas suas próprias mentes. Talvez por ambos terem perdido os pais quando ainda eram muito jovens.

Na verdade, a Max nunca chegara a conhecer os pais.

Perda. Solidão. Tinham isso em comum. E, talvez por isso, ela e o Ben se entendessem tão bem.

— Então, Max, quero dizer, professora Paula Ehrenfest...

Agora, o Ben fez a Max rir. O pseudónimo que criaram para o cargo da Max na Universidade de Columbia (um cargo pago pelo Ben através da sua Fundação Benjamin Franklin Abercrombie) era um tributo a um dos físicos amigos de Albert Einstein, Paul Ehrenfest.

— ...estás a ver do que é capaz a Corp. Será que agora me podes dar ouvidos? Está quase a chegar o teu próximo projeto. Em breve, prometo. Estamos a analisar diversos pedidos de ajuda, à procura da oportunidade perfeita. Neste momento, o melhor que podes fazer é manteres-te a salvo! És a líder da minha equipa.

OK, pensou a Max. Se o aviso vem diretamente do Ben, se calhar é melhor dar ouvidos.

— Muito bem — disse a Max quando acabou o vídeo. — Já deram a entender o vosso ponto de vista, Sr. Weinstock. Regresso à Columbia de metro.

— Não é preciso — frisou o Sr. Weinstock, guardando o telemóvel no bolso. — Acho que chegou a tua boleia.

Acenou para a esquerda, onde viam o Jamal e o Danny de óculos escuros e braços cruzados sobre o peito.

E, sim, ambos usavam fatos. Apesar de estarem 35 graus.



6

— Por favor, não voltes a fazer isso, Max — disse o Jamal, enquanto conduzia o *Lincoln MKZ* preto para a alta da cidade.

— Obrigaste-me a entrar na casa de banho — disse o Danny. — As mulheres começaram a gritar comigo, Max. Ainda tenho os ouvidos a zumbir.

— E a tua cara também está vermelha — disse a Max.

— Sim, Danny — riu-se o Jamal. — Pois está. O que é que elas te chamaram?

O Danny afundou-se no seu assento.

— Um peão do patriarcado.

— Fixe — disse a Max.

— Olha, Max — disse o Jamal —, este joguinho do gato e do rato tem sido divertido, mas corre que a Corp anda à tua procura.

NOVA JORQUE



VIAJAR

— Sim — disse a Max, olhando pela janela enquanto o carro rumava a norte e atravessava Manhattan. — O Ben contou-me.

— Então, vais sossegar? — perguntou o Jamal, espreitando para ela pelo retrovisor.

— Sim.

— Ótimo. O recital de dança da minha filha é no próximo fim de semana. Não quero faltar só porque tenho de andar à tua procura.

— Mas aquela coisa com o espelho enfiado no saco do duche para poderes olhar para trás? — disse o Danny. — Foi inteligente, Max. Impressionante.

— Obrigada.

Na segunda-feira de manhã, a Max (também conhecida por professora auxiliar Paula Ehrenfest) percorria o corredor do 7.º andar do John Jay Hall, rodeada pelo Jamal e pelo Danny. Ia dar a sua primeira aula do dia.

— Desculpa, Paula?

Era a Nancy Hanker. A conselheira residente (CR) do 7.º andar. Aos CR cabia planear, no seu piso, atividades para cimentar a comunidade e ajudar os residentes, caso eles tivessem problemas ou dificuldades.

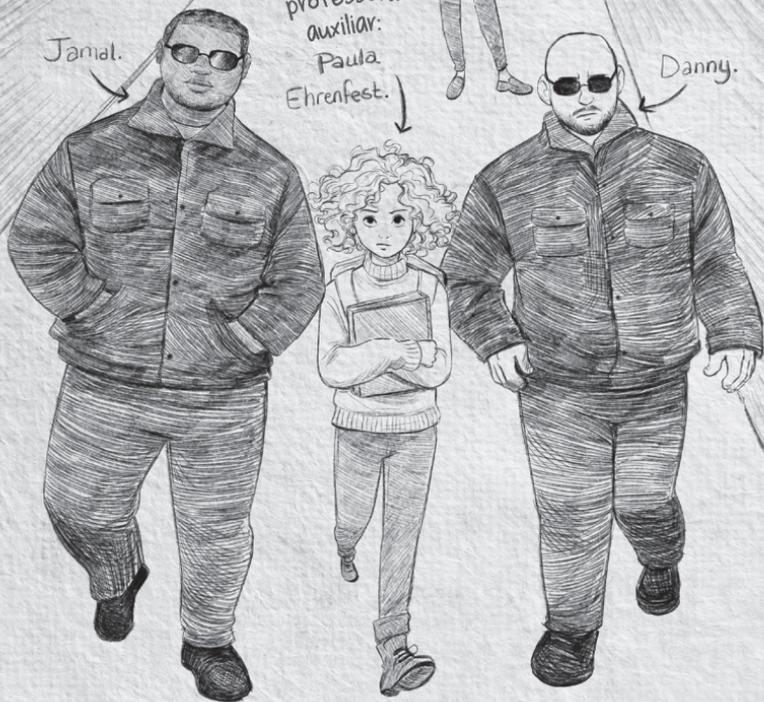
Não deviam fazer má cara aos residentes. Mas Nancy Hanker não se refreava sempre que via a Max.

Nancy Harker: CR
Conselheira Residente
ou
Chata Residente?

Também
conhecida por
professora
auxiliar:
Paula
Ehrenfest.

Jamal.

Danny.



Eles parecem agentes dos Serviços Secretos.
Fazem com que me sinta protegida.

A Nancy Hanker não gostava da física de 12 anos que residia no seu piso. Também não gostava dos guarda-costas dela.

— Olá, Nancy — disse a Max. — Estamos com um bocado de pressa. Esta manhã, vou dar uma aula sobre relatividade especial e cinemática relativista.

A Nancy nem pestanejou.

— É sobre a tua... equipa de segurança.

— Desculpe, minha senhora? — disse o Jamal, dando um passo em frente. — Há algum problema?

— Sim. Isto é uma residência. Nenhum dos outros residentes tem guarda-costas particulares.

— Tenho a certeza de que se a filha do presidente andasse aqui na escola também teria proteção dos Serviços Secretos.

— Eu aviso-o se isso alguma vez acontecer — disse a Nancy. — Falei com a segurança do *campus*. Vocês os dois, cavalheiros, já não podem ficar mais neste piso.

— Desculpe, minha senhora — disse o Danny. — Estamos aqui numa...

A Nancy mostrou-lhe a palma da mão.

— Eu sei. Um benfeitor rico mandou para aqui a princesa professora auxiliar e pagou-vos para serem o destacamento de segurança dela. Mas temos falta de quartos na Columbia. Precisamos do vosso quarto. Para alguém que é mesmo um aluno! Aluguem uma carrinha. Durmam lá dentro. Tenham um bom dia.

A Nancy Hanker regressou ao seu quarto e bateu com a porta.

— Isto é um problema — murmurou o Jamal.

— Não há problemas, apenas soluções — murmurou a Max em resposta.

— Foi o John Lennon que escreveu isso — disse o Danny.

— Para uma canção.

— Pois foi — disse a Max. — Toca a andar, pessoal. Não podemos chegar tarde à aula. Tratamos disto mais tarde. Para isso é que se inventou o tempo.

— Há? — disse o Danny.

— Foi só uma coisa que Albert Einstein disse: «A única razão para existir o tempo é para que não aconteça tudo de uma vez.»



7

NOVA JORQUE



Física 1601 teve lugar numa sala de aulas no 3.º andar do Pupin Hall no *campus* universitário da Columbia.

Todos os 272 lugares estavam ocupados por alunos ansiosos que fitavam a Max, que naquele anfiteatro parecia ainda mais pequena. Os guarda-costas dela, o Jamal e o Danny, instalaram-se na primeira fila. Não tinham blocos, nem canetas.

— Hoje — disse a Max para a plateia —, gostaria de olhar para uma das mais famosas experiências de pensamento de Albert Einstein... Aquilo a que ele chamou *Gedankenexperiment*...

— Por ser alemão! — disse um aluno na primeira fila chamado Johnathan Phillips (o mesmo aluno que achou que deveria ser ele a dar a aula em vez de «uma totó de 12 anos com cabelo frisado»).



A Max ignorou o Jonhathan Phillips. Tinha de o fazer muitas vezes.

— Nesta experiência de pensamento — prosseguiu a Max —, o Dr. Einstein estava a explorar a relatividade da simultaneidade. Nunca é 100 por cento claro se dois acontecimentos ocorrem exatamente ao mesmo tempo. Tudo depende de como e onde se olha para esses dois acontecimentos. O que as experiências de pensamento têm de muito fixe é que não exigem um laboratório, um equipamento ou, até, uma calculadora. Precisam apenas do cérebro e da imaginação.

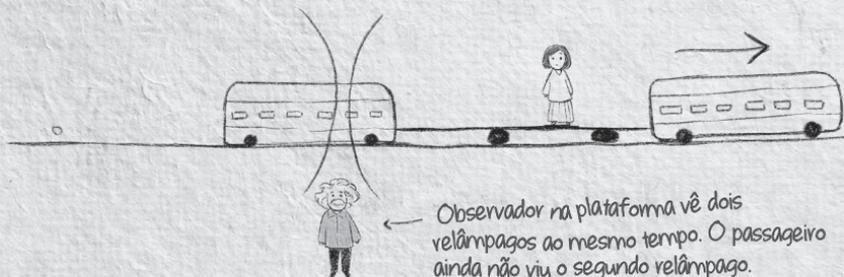
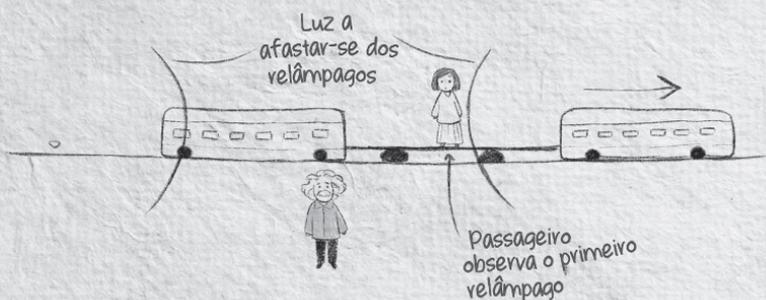
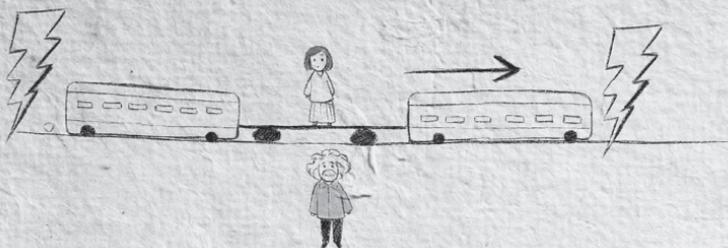
— Como imaginar que uma rapariga de 12 anos me pode ensinar alguma coisa — murmurou, de forma trocista, o Johnathan Phillips para o estudante ao seu lado.

A Max ignorou-o. Outra vez.

— Aqui fica uma das mais famosas experiências de pensamento de Einstein.

Avançou para o quadro e começou a desenhar um comboio com várias carruagens, dois Einsteins tipo *cartoon* — um no comboio e outro na plataforma de uma estação — e dois relâmpagos a atingirem cada ponta da gare.

— OK. Temos um observador aqui, no meio da gare de uma estação de comboios. Outro observador encontra-se num comboio que está a chegar à estação. O comboio viaja quase à velocidade da luz. Penso que seria um dos primeiros comboios de alta velocidade.



Relâmpago a cair duas vezes.
Ao mesmo tempo?
Depende de onde se está
a olhar para ele.

Os alunos riram-se.

— Relâmpagos atingem ambos os lados da gare de comboios exatamente no mesmo segundo. O observador na plataforma está mesmo no meio... à mesma distância de cada raio.

— O que vê a pessoa na plataforma? — perguntou a Max à sua plateia.

— Relâmpagos em simultâneo — respondeu um aluno na terceira fila.

— OK. E o passageiro? O observador no comboio em movimento?

Ninguém respondeu, mas toda a gente (exceto, talvez, o Johnathan Phillips) pensava nisso.

— O Dr. Einstein diz-nos — prosseguiu a Max — que, para o observador no comboio em movimento, os acontecimentos que ocorrem na direção em que o comboio viaja parecem acontecer *antes* dos acontecimentos atrás. Assim, para o nosso passageiro, o relâmpago vai atingir uma ponta da plataforma, aquela para a qual o comboio avança, antes de atingir a ponta da plataforma atrás do comboio... apesar de o observador na plataforma jurar a pés juntos que ambos os raios a atingiram exatamente ao mesmo tempo. Todo o conceito de algo acontecer em simultâneo é descartado quando acrescentamos movimento.

— Eu digo que o raio está lá e não está! — disse o Phillips.
— Por causa da teoria quântica.

— Não, se tiver sido observado, Sr. Phillips — disse a Max. — O que, nesta experiência de pensamento, aconteceu. Duas vezes.

O Phillips levantou-se.

— Oh, estou a ver que leu um ou dois livros sobre física quântica — disse ele, avançando, como que para desafiar a Max.

O Jamal e o Danny, os guarda-costas dela, ficaram, de repente, em alerta e atentos à aula.

— Sim — disse a Max. — Conheço o princípio da incerteza. Hoje à noite, a Lua está lá fora? A resposta é sim e não. Tanto está como não está... até eu olhar e a ver no céu noturno.

— Então, porque é que o seu herói, o Dr. Einstein, não podia aceitar que a realidade era assim tão estranha? Porque é que não aceitou a ideia da bizarría da física quântica?

— Porque estava enganado. Algo, calculo eu, que nunca se passou consigo, Sr. Phillips...

— *Oooh* — disseram os outros 271 alunos. Alguns começaram a pegar nos seus smartphones para gravar a disputa que começava a adensar-se tanto como as nuvens que haviam gerado aqueles relâmpagos na experiência de pensamento.

— Todavia — prosseguiu a Max —, ao tentar refutar o «princípio da incerteza», Einstein descobriu o «enredamento quântico».

O Phillips voltou a avançar.

— Enredamento quântico? É o que lhe chama quando algo fica emaranhado no seu cabelo? E, a propósito, com quem falo para ser reembolsado? Não estou a pagar por um ensino de topo para ter aulas dadas por uma rapariga de 12 anos.

Ele deu mais um passo em frente.

Foi um passo a mais.

O Jamal e o Danny caíram em cima dele numa fração de segundo.

E todos os telemóveis na sala gravaram o momento em que o Johnathan Phillips foi derrubado no chão.

A primeira e única série infantojuvenil aprovada oficialmente pelos arquivos Albert Einstein

A Max Einstein é uma miúda
de 12 anos completamente normal. Ela...

Vai para a escola faculdade todos os dias.
Corre com os seus amigos em jogos para fugir dos inimigos.

Vai em passeios missões secretas com o seu
amigo chefe milionário.

E gosta de aprender fala com Albert Einstein.

A Max e os seus amigos geniais têm uma nova
missão: descobrir o que está a contaminar
a água na Irlanda e na Índia. Mas é
difícil usar os neurónios para resolver
mistérios quando os membros da
diabólica Corp parecem saber sempre
onde está a Max, por muito que ela se
esconda. Isto cheira a esturro! Ou melhor,
cheira a intruso infiltrado!

**Será que a miúda das ideias geniais vai conseguir
despistar os mauzões e salvar o mundo?**

Lê também:



**CORAGEM. IMAGINAÇÃO. INTELIGÊNCIA.
OS ÚNICOS SUPERPODERES DE
QUE UMA MIÚDA PRECISA.**

booksmile
livros que saltam à vista

20/20 editora

11+

ISBN 978-989-668-848-6



9 789896 688486

Literatura Juvenil

